

# O Livro dos Espíritos



*Allan Kardec*

**LIVRO I – Causas primárias**  
**CAPÍTULO I – Deus**

## Índice

<b>Assunto</b>	<b>Origem</b>	<b>Página</b>
<b>I – Deus e o Infinito</b>	O Livro dos Espíritos	03
<b>Adoração a Deus</b>	O Consolador	04
<b>O infinito e o Espaço Universal</b>	O Consolador	06
<b>II – Provas da Existência de Deus</b>	O Livro dos Espíritos	08
<b>Provas da Existência de Deus</b>	O Consolador	09
<b>A Existência de Deus</b>	O Consolador	11
<b>III – Atributos da Divindade</b>	O Livro dos Espíritos	13
<b>Atributos da Divindade</b>	O Consolador	14
<b>IV – Panteísmo</b>	O Livro dos Espíritos	16
<b>Afinal o que é panteísmo?</b>	O Consolador	17
<b>Em busca da Verdade</b>	A Vida no outro mundo	19
<b>A trincheira</b>	Diálogo dos Vivos	21

## O Livro dos espíritos – (Livro I – Capítulo I)

### Livro primeiro – As causas primárias Capítulo I – Deus

#### I - DEUS E O INFINITO

1. Que é Deus?

“Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas.”

2. Que se deve entender por infinito?

“O que não tem começo nem fim: o desconhecido; tudo o que é desconhecido é infinito.”

3. Poder-se-ia dizer que Deus é o infinito?

“Definição incompleta. Pobreza da linguagem humana, insuficiente para definir o que está acima da linguagem dos homens.”

Deus é infinito em suas perfeições, mas o infinito é uma abstração. Dizer que Deus é o infinito é tomar o atributo de uma coisa pela coisa mesma, é definir uma coisa que não está conhecida por uma outra que não o está mais do que a primeira.

### Adoração a Deus

#### Somente com a evolução é que veremos Deus de forma diferente

1. Tema de abertura da principal obra do Espiritismo, Deus é definido de forma bastante clara pelos imortais como sendo a inteligência suprema e a causa primária de todas as coisas. A prova de sua existência, explicam os Espíritos superiores, pode se encontrar num axioma que utilizamos em nossas ciências: “Não há efeito sem causa”. “Procurai a causa de tudo o que não é obra do homem, e vossa razão vos responderá.”

(O Livro dos Espíritos, questões 1 e 4.)

2. A questão de Deus é, com efeito, o mais grave de todos os problemas suspensos sobre nossas cabeças e cuja solução se liga, de maneira estrita e imperiosa, ao problema do ser humano e de seu destino. O conhecimento da verdade sobre Deus, sobre o mundo e sobre a vida é – no dizer de Léon Denis – o que há de mais essencial, de mais necessário, porque é Ele que nos sustenta, nos inspira e nos dirige, mesmo à nossa revelia.

3. Diz-nos Pietro Ubaldi que só gradualmente conseguiremos entender a essência das manifestações do Criador, quando pelo desenvolvimento de nossas capacidades perceptivas e conceptuais formos aprendendo a penetrar na profundidade das coisas. É, por isso, realmente maravilhoso que Espíritos ainda em acanhada condição evolutiva, como a nossa, tenhamos concebido desde sempre a certeza da existência de um Ser Superior que a tudo governa.

4. A princípio, essa ideia – inata no homem – é vaga e bastante abstrata. Com a evolução, através de múltiplas experiências reencarnatórias, passamos a ver Deus de maneira diferente. A sábia natureza limitou nossas percepções e nossas sensações e é de degrau a degrau, lentamente, que ela nos conduz no caminho do saber, ao conhecimento do Universo, seja o visível, seja o oculto.

#### Falta ao homem um sentido que lhe permita compreender Deus

5. Esse pensamento pode ser colhido nas respostas dadas pelos imortais às questões 10 e 11 de “O Livro dos Espíritos”:

Questão 10 – Pode o homem compreender a natureza íntima de Deus?

– “Não, porque lhe falta para isso um sentido.”

Questão 11 – Um dia será dado ao homem compreender o mistério da Divindade?

– “Quando seu Espírito não estiver mais obscurecido pela matéria e, pela sua perfeição, estiver próximo dele, então ele o verá e o compreenderá.”

6. Para bem entender o significado da questão n. 10 – que afirma que falta ao homem um sentido que lhe permita a compreensão da Divindade – basta-nos lembrar que um cego de nascença não tem condições de definir a luz ou distinguir as cores, algo que as criancinhas podem fazer, justamente porque falta ao cego o sentido da visão. Se além de cego, fosse ele surdo, também lhe seria impossível distinguir os sons. Lembremos também que existem no reino animal seres que só possuem o sentido do tato e, no entanto, conseguem viver e sobreviver no meio em que se encontram.

7. Chegaremos assim um dia, partindo de uma ideia primitiva de Deus, a um entendimento mais dilatado e superior, mas desde já podemos compreender que Deus, tal qual o concebemos, não é o deus do panteísmo oriental nem o deus antropomorfo, monarca do céu, exterior ao mundo, de que nos falam as religiões do Ocidente, visto que Deus, embora tenha criado o Universo, com ele não se confunde.

## O Livro dos espíritos – (Livro I – Capítulo I)

### Adorar a Deus é elevar o pensamento até Ele, é aproximar-se dele

8. Esse grande Ser, absoluto, eterno, soberanamente justo e bom, que conhece nossas necessidades, que é sensível a nossas dores, é qual o imenso foco em que todos os seres, pela comunhão do pensamento e do sentimento, vêm haurir forças, o socorro, a inspiração necessária para os guiar na senda do destino, para os sustentar em suas lutas, consolar em suas misérias, levantar em seus desfalecimentos e quedas.

9. Se, como vimos anteriormente, a ideia de Deus é inata no ser humano, não é possível descrever da afirmação contida na questão 651 de “O Livro dos Espíritos” segundo a qual nunca houve povos ateus, porque sempre os homens compreenderam que acima de tudo há um Ente Supremo no Universo.

10. É evidente que, individualmente considerados, existem homens que negam a Deus, mas esses, em número ínfimo, nada mais são que indivíduos transitoriamente envolvidos pelo manto da ignorância. Propõe-nos Pietro Ubaldi que digamos a alguém que pense assim: “Desperta e sentirás que Deus está a teu lado, está dentro de ti, é a tua vida, a vida de tudo”, porque a concepção da paternidade divina traz benefícios enormes ao Espírito e é dessa paternidade que decorre a necessidade da fraternidade humana.

11. Em decorrência de tudo o que vimos não é difícil entender e justificar a adoração que os homens devem ter para com o Criador, entendendo-se por adoração a elevação do pensamento a Deus, um tema que Kardec examinou em “O Livro dos Espíritos”, questões 649 e seguintes, adiante resumidas:

A. Adoração consiste na elevação do pensamento a Deus.

Pela adoração a alma se aproxima do Criador.

B. A adoração resulta de um sentimento inato como o da Divindade.

A consciência de sua fraqueza leva o homem a se curvar diante daquele que o pode proteger.

C. A adoração tem sua origem na lei natural.

Por isso, ela se encontra em todos os povos, ainda que sob formas diferentes.

D. A verdadeira adoração está no coração.

Imaginemos sempre que em todas as nossas ações um senhor nos observa.

E. A adoração é útil quando não passa de vã simulação.

F. Deus prefere os que o adoram do fundo do coração, com sinceridade, fazendo o bem e evitando o mal, e não os que creem honrá-lo por meio de cerimônias que não os tornam melhores para seus semelhantes.

G. Aquele que não tem senão a piedade exterior é um hipócrita.

Os cânticos não chegam a Deus senão pela porta do coração.

H. Os homens reunidos por uma comunhão de pensamentos e de sentimentos têm mais força para chamarem para si os bons Espíritos.

Dá-se o mesmo quando se reúnem para adorarem a Deus.

Não acreditemos, porém, que a adoração particular seja menos boa, porque cada um pode adorar a Deus pensando nele.

I. A prece é um ato de adoração.

Orar a Deus é pensar nele, aproximar-se dele e colocar-se em comunicação com ele.

**O espaço universal é, segundo Galileu, infinito**

1. O Universo é o conjunto de tudo o que existe e não é obra do homem. O Universo - ensina o Espiritismo é obra de Deus e dele faz parte o próprio homem, ser pensante e racional, mas que é apenas uma criatura, um filho do Criador. No Universo há que considerar desde logo o espaço, que é a extensão onde tudo existe, e, ligado ao espaço, é preciso considerar ainda o tempo. Espaço e tempo, em termos universais e em relação a Deus, têm as dimensões do infinito e da eternidade.

2. É isso que nos ensina a Doutrina Espírita, conforme podemos ler na questão 35 de “O Livro dos Espíritos”: “O espaço universal é infinito ou limitado?

R.: Infinito. Supõem-no limitado: que haverá para lá de seus limites? Isto te confunde a razão, bem o sei; no entanto, a razão te diz que não pode ser de outro modo. O mesmo se dá com o infinito em todas as coisas. Não é na pequenina esfera em que vos achais que podereis compreendê-lo.”

3. Por infinito devemos entender “o que não tem começo nem fim: o desconhecido”, tal como afirmaram os Espíritos Superiores na questão 2 de “O Livro dos Espíritos”. No cap. VI de “A Gênese”, de Allan Kardec, o Espírito de Galileu, valendo-se da mediunidade de Camille Flammarion, trata do assunto.

4. Eis nos itens seguintes, de forma resumida, o que Galileu escreveu sobre o espaço e sua infinitude.

5. Espaço é uma dessas palavras que exprimem uma ideia primitiva e axiomática, de si mesma evidente, e a cujo respeito as diversas definições que se possam dar nada mais fazem do que obscurecê-la. Todos sabemos o que é o espaço e apenas queremos firmar que ele é infinito.

6. Dizemos que o espaço é infinito pela simples razão de ser impossível imaginar-se-lhe um limite qualquer e porque, apesar da dificuldade que temos, para conceber o infinito, mais fácil nos é avançar eternamente pelo espaço, em pensamento, do que parar num ponto qualquer, depois do qual não mais encontrássemos extensão a percorrer.

**Deus semeou mundos por toda a parte no espaço infinito**

7. Para figurarmos a infinidade do espaço, suponhamos que, partindo da Terra para um ponto qualquer do Universo, com a velocidade prodigiosa da centelha elétrica (1), e que, havendo percorrido milhões de léguas (2) desde que deixamos o globo, nos achamos num lugar donde apenas o divisamos sob o aspecto de pálida estrela. Passado mais algum tempo, seguindo sempre a mesma direção, chegamos a essas estrelas longínquas que mal percebemos de nossa estação terrestre. A partir de certo momento, não só a Terra nos desaparece inteiramente ao olhar, como também o próprio Sol com todo o seu esplendor.

8. Animados sempre da mesma velocidade, a cada passo que avançamos na extensão, transpomos sistemas de mundos, ilhas de luz etérea, estradas estelíferas, paragens suntuosas onde Deus semeou mundos na mesma profusão com que semeou as plantas nas pradarias imensas.

9. Ora, há apenas poucos minutos que caminhamos e já centenas de milhões, de milhões de léguas nos separam da Terra, bilhões de mundos nos passaram sob as vistas e, entretanto, em realidade, não avançamos um só passo que seja no Universo.

## **O Livro dos espíritos – (Livro I – Capítulo I)**

10. Se continuarmos durante anos, séculos, milhares de séculos, milhões de períodos cem vezes seculares e sempre com a mesma velocidade do relâmpago, nem um passo igualmente teremos avançado, qualquer que seja o lado para onde nos dirijamos e qualquer que seja o ponto para onde nos encaminhemos, a partir deste grãozinho invisível donde saímos e a que chamamos Terra. Eis aí o que é o espaço!

11. Vista a lição do Espírito de Galileu sobre o espaço, vejamos agora o tempo, que, segundo Kardec, “é a sucessão das coisas” e está ligado à eternidade, do mesmo modo que as coisas estão ligadas ao infinito.

O tempo existe por causa dos movimentos celestes

12. O tempo - adverte Hermínio C. Miranda - é apenas uma medida relativa de sucessão das coisas transitórias. A eternidade não é suscetível de medida alguma, do ponto de vista da duração, porque para ela não há começo nem fim: tudo lhe é presente.

13. O espaço existe por si mesmo, mas se passa o contrário com relação ao tempo. Se é impossível supor a supressão do espaço, não é assim com relação ao tempo. O tempo, assevera Camille Flammarion, é criado pela medida dos movimentos celestes. Se a Terra não girasse, nem astro algum, se não houvesse sucessão de períodos, não existiria o tempo. Foi a Astronomia que nos permitiu determiná-lo. Suprimido o Universo, continuará a existir o espaço, mas o tempo cessará, desvanecer-se-á, desaparecerá.

14. Albert Einstein descartou-se do conceito de tempo absoluto – um fluxo universal, inexorável de tempo, firme, invariável, que corre de um passado infinito para um futuro infinito. Muito da obscuridade que envolve a Teoria da Relatividade procede da relutância do homem em reconhecer que o senso do tempo, como o senso da cor, é uma forma de percepção.

15. Assim como não há cor sem olhos para observá-la, de igual forma, uma hora ou um dia nada são sem um evento que os assinale. Como o espaço é simplesmente uma ordem possível de objetos materiais, o tempo é simplesmente uma ordem possível de eventos.

16. O tempo seria, então, um conceito meramente subjetivo; estaria exclusivamente na dependência de um observador para apreciá-lo em determinado ponto e, portanto, inescapavelmente subordinado à relatividade de sua posição quanto a tudo o mais no Universo que o cerca.

### **Bibliografia:**

**Kardec** Allan, O Livro dos Espíritos, (itens 2, 3, 13 e 35.)

**Kardec** Allan, A Gênese, (cap. VI.)

**Flammarion** Camille, Sonhos Estelares, (p. 97.)

**Miranda** Hermínio C., A Memória e o Tempo, (p. 28.)

(1) A velocidade da luz foi medida no século XIX. No vácuo, ela é de 300 mil km por segundo. Na água, sua velocidade cai para 225 mil km por segundo.

(2) Léguas é uma antiga unidade brasileira de medida itinerária, equivalente a 3.000 braças, ou seja, 6.600 metros.

## II - PROVAS DA EXISTÊNCIA DE DEUS

4. Onde se pode encontrar a prova da existência de Deus?

“Num axioma que aplicais às vossas ciências. Não há efeito sem causa. Procurai a causa de tudo o que não é obra do homem e a vossa razão responderá.”

Para crer-se em Deus, basta se lance o olhar sobre as obras da Criação. O Universo existe, logo tem uma causa. Duvidar da existência de Deus é negar que todo efeito tem uma causa e avançar que o nada pôde fazer alguma coisa.

5. Que dedução se pode tirar do sentimento instintivo, que todos os homens trazem em si, da existência de Deus?

“A de que Deus existe; pois, donde lhes viria esse sentimento, se não tivesse uma base? É ainda uma consequência do princípio — não há efeito sem causa.”

6. O sentimento íntimo que temos da existência de Deus não poderia ser fruto da educação, resultado de ideias adquiridas?

“Se assim fosse, por que existiria nos vossos, selvagens esse sentimento?”

Se o sentimento da existência de um ser supremo fosse tão-somente produto de um ensino, não seria universal e não existiria senão nos que houvessem podido receber esse ensino, conforme se dá com as noções científicas.

7. Poder-se-ia achar nas propriedades íntimas da matéria a causa primária da formação das coisas?

“Mas, então, qual seria a causa dessas propriedades?”

É indispensável sempre uma causa primária.”

Atribuir a formação primária das coisas às propriedades íntimas da matéria seria tomar o efeito pela causa, porquanto essas propriedades são, também elas, um efeito que há de ter uma causa.

8. Que se deve pensar da opinião dos que atribuem a formação primária a uma combinação fortuita da matéria, ou, por outra, ao acaso?

“Outro absurdo! Que homem de bom-senso pode considerar o acaso um ser inteligente? E, demais, que é o acaso? Nada.”

A harmonia existente no mecanismo do Universo patenteia combinações e desígnios determinados e, por isso mesmo, revela um poder inteligente. Atribuir a formação primária ao acaso é insensatez, pois que o acaso é cego e não pode produzir os efeitos que a inteligência produz. Um acaso inteligente já não seria acaso.

9. Em que é que, na causa primária, se revela uma inteligência suprema e superior a todas as inteligências?

“Tendes um provérbio que diz: Pela obra se reconhece o autor. Pois bem! Vede a obra e procurai o autor. O orgulho é que gera a incredulidade. O homem orgulhoso nada admite acima de si. Por isso é que ele se denomina a si mesmo de espírito forte. Pobre ser, que um sopro de Deus pode abater!”

Do poder de uma inteligência se julga pelas suas obras. Não podendo nenhum ser humano criar o que a Natureza produz, a causa primária é, conseguintemente, uma inteligência superior à Humanidade.

Quaisquer que sejam os prodígios que a inteligência humana tenha operado, ela própria tem uma causa e, quanto maior for o que opere, tanto maior há de ser a causa primária. Aquela inteligência superior é que é a causa primária de todas as coisas, seja qual for o nome que lhe deem.

### Provas da Existência de Deus

#### A ideia de Deus

1. “Outrora, Deus foi homem: hoje, Deus é Deus”, assevera Léon Denis. O Ser Supremo, criado à imagem do homem, hoje vê apagar-se pouco a pouco essa imagem, substituída por uma realidade sem forma. A forma, a definição, o tempo, a duração, a medida, o grau de potência ou atividade não mais se aplicam a Deus. O próprio nome Deus oculta uma ideia incompleta. Outrora, Júpiter empunhava o raio, Apolo conduzia o Sol e Netuno senhoreava os mares. No Tibete, ainda hoje, adoram Maitreya, que refreia as ondas do mar, abençoa o exército, amaldiçoa o rival e dirige as chuvas.

2. A história da ideia de Deus mostra-nos que ela sempre foi relativa ao grau intelectual dos povos e de seus legisladores, correspondendo aos movimentos civilizadores, à poesia dos climas, às raças, à florescência de diferentes povos, enfim aos progressos espirituais da Humanidade. Com o passar dos tempos, assistimos sucessivamente aos desfalecimentos e tergiversações dessa ideia imperecível que, às vezes fulgurante e outras vezes eclipsada, pode, todavia, ser identificada sempre nos fastos da Humanidade.

3. Nosso Deus é um Deus ainda desconhecido, qual o era para os Vedas e para os sábios do Areópago de Atenas. No entanto, no estado evolutivo em que nos encontramos podemos sentir que Deus não é uma abstração metafísica, um ideal que não existe. Não; Deus é um ser vivo, sensível, consciente. Deus é uma realidade ativa. Deus é nosso Pai, nosso guia, nosso condutor, nosso melhor amigo.

4. Kardec perguntou aos Espíritos: “Que é Deus?” e não quem é Deus? Os Espíritos responderam:  
“Deus é a Inteligência suprema, causa primária de todas as coisas” (L.E., item 1).

5. Dizer que Deus é infinito é um erro, conseqüência da pobreza da nossa linguagem, que é insuficiente para definir as coisas que estão acima da nossa inteligência.

6. Deus – ensina Kardec - é infinito em suas perfeições, mas o infinito é uma abstração. Dizer que Deus é infinito é tomar o atributo pela própria coisa, e definir uma coisa que não é conhecida por outra que também não o é.

#### A existência de Deus e suas provas

7. Em “O Livro dos Espíritos” os imortais nos dizem que podemos encontrar a prova da existência de Deus num axioma bastante conhecido dos homens, segundo o qual “não há efeito sem causa”. Basta que procuremos a causa de tudo o que não constitui obra do homem e a nossa razão responderá.

8. Todos os homens carregam em si o sentimento intuitivo de Deus, uma prova de que a crença em um Ser superior não é produto da educação ou de ideias adquiridas, visto que até os selvagens o possuem. Ora, se fosse a ideia de Deus produto da educação, não seria universal, mas restrita a certos lugares.

#### A causa primária da formação das coisas

9. Atribuir a formação primeira das coisas às propriedades íntimas da matéria – afirmam os Espíritos – equivale a tomar o efeito pela causa, porque essas propriedades são elas mesmas um efeito que deve ter também uma causa.

## **O Livro dos espíritos – (Livro I – Capítulo I)**

10. A harmonia que regula as atividades do Universo revela combinações e fins determinados e, por isso mesmo, mostra-nos a ação de uma força inteligente. Atribuir essa formação primeira ao acaso seria, de igual modo, um contrassenso, porque o acaso é cego e não pode produzir coisas inteligentes. Um acaso inteligente não seria mais acaso.

11. Pela obra se reconhece o artífice. Nenhum ser humano pode criar o que a Natureza produz por si mesma. A causa primeira é, portanto, uma inteligência superior à Humanidade. Quanto maior o prodígio realizado pela inteligência humana, essa inteligência tem, ela mesma, uma causa, e quanto mais o que ela realiza é grande, mais a causa primeira deve ser grande.

12. Essa inteligência superior é a causa primeira de todas as coisas, qualquer que seja o nome sob o qual o homem a designe - Deus, Allah, Jeová. O nome é, no caso, o que menos importa.

### A Existência de Deus

#### A existência de Deus é um dos princípios básicos do Espiritismo

1. Um dos princípios básicos da Doutrina Espírita é o da existência de Deus como o Criador necessário de tudo o que existe. Outro, igualmente fundamental, é o da existência dos Espíritos, como criaturas suas; e outro ainda é o princípio da natureza espiritual da alma humana, considerada como Espírito encarnado, que constitui a individualidade consciente, permanente e imperecível do homem.

2. Tudo o mais que os Espíritos revelaram – a pluralidade dos mundos habitados, a encarnação e a reencarnação, a lei de causa e efeito, o princípio da necessidade das provações como meio de progresso e das cruciantes expiações –, tudo isso, que revela a suprema sabedoria do Criador, é decorrência natural daqueles princípios básicos. Fulge, no entanto, luminoso e à frente de todos, o princípio da existência do Eterno Criador.

3. Kardec iniciou “O Livro dos Espíritos” com um capítulo inteiramente consagrado a Deus e às provas de sua existência. Nesse livro, o Codificador perguntou aos Espíritos onde se pode encontrar a prova de que Deus existe, e eles assim responderam: “Num axioma que aplicais às vossas ciências. Não há efeito sem causa. Procurai a causa de tudo o que não é obra do homem e a vossa razão responderá” (L.E., questão 4).

4. Em “A Gênese”, sua última obra, após explicar, no capítulo I, o caráter da revelação espírita, o Codificador trata novamente da existência de Deus, logo na abertura do capítulo II, mostrando que ela constitui o mais importante princípio da Doutrina Espírita.

#### Deus não se mostra, mas se revela por suas obras

5. O codificador do Espiritismo examina em seguida a opinião dos que opõem à tese da existência de Deus o pensamento de que as obras ditas da Natureza são produzidas por forças materiais que atuam mecanicamente, em virtude das leis de atração e repulsão, sob cujo império tudo ocorre, quer no reino inorgânico, quer nos reinos vegetal e animal, com uma regularidade mecânica que não acusa a ação de nenhuma inteligência livre. O homem – dizem tais opositores – movimenta o braço quando quer e como quer. Aquele, porém, que o movimentasse no mesmo sentido, desde o nascimento até a morte, seria um autômato. Ora, as forças orgânicas da Natureza são puramente automáticas.

6. Tudo isso é verdade, redarguiu Kardec, mas essas forças são efeitos que hão de ter uma causa. São elas materiais e mecânicas, mas são postas em ação, distribuídas, apropriadas às necessidades de cada coisa por uma inteligência que não é a dos homens. A aplicação útil dessas forças é um efeito inteligente, que denota uma causa inteligente.

7. O Espiritismo dá o homem uma ideia de Deus que, com a sublimidade da Revelação, está conforme a mais perfeita e justa racionalidade.

8. Convince-nos da existência do Criador sem necessidade de recorrer a outras provas que não as que provêm da simples contemplação do Universo, onde Deus se revela através de leis sábias e de obras admiráveis que constituem um conjunto grandioso de tanta harmonia e onde há perfeita adequação dos meios aos fins, que se torna impossível não ver por trás de tão portentoso mecanismo a ação de uma Suprema Inteligência, como os Espíritos Superiores fizeram questão de asseverar na resposta dada à pergunta de abertura de “O Livro dos Espíritos”: “Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas”(O Livro dos Espíritos, pergunta 1).

## O Livro dos espíritos – (Livro I – Capítulo I)

### **A mecânica celeste não se explica por si mesma**

9. Assim o compreendem, numa inata intuição de sua existência e de seu poder, todos os que não se deixaram empolgar totalmente pelo terrível entorpecer da inteligência e do sentimento humano, que é o orgulho, reconhecendo no harmonioso mecanismo que entretém os movimentos universais a existência imprescindível de um primeiro motor transcendente. “A mecânica celeste não se explica por si mesma – escreveu Léon Denis, e a existência de um motor inicial se impõe. A nebulosa primitiva, mãe do Sol e dos planetas, era animada de um movimento giratório. Mas quem lhe imprimira esse movimento? Respondemos sem hesitar: Deus.”

10. Assim como o reconheceu Léon Denis, já então iluminado pela luz do Espiritismo, fê-lo também Albert Einstein, com todo o rigor do seu raciocínio lógico, puramente matemático. Por muito raciocinar em busca da verdade, Einstein adquiriu um alto grau de intuição que o levou, do mesmo modo que a muitas coisas, também ao reconhecimento da existência de Deus, como fonte necessária da energia que dá o primeiro impulso a tudo o que se move no Universo.

11. Muito antes de Einstein, igualmente Isaac Newton teve de reconhecer a existência necessária de uma causa transcendente e de um primeiro motor para explicar o movimento dos planetas. Apesar de descobrir a grande lei da gravitação universal, que viria aparentemente resolver esse milenar problema, no fim de seu livro “Princípios matemáticos de filosofia natural” o grande matemático declarou-se impotente para explicar aqueles movimentos somente pelas leis da Mecânica.

### III - ATRIBUTOS DA DIVINDADE

10. Pode o homem compreender a natureza íntima de Deus?

“Não; falta-lhe para isso o sentido.”

11. Será dado um dia ao homem compreender o mistério da Divindade?

“Quando não mais tiver o espírito obscurecido pela matéria.

Quando, pela sua perfeição, se houver aproximado de Deus, ele o verá e compreenderá.”

A inferioridade das faculdades do homem não lhe permite compreender a natureza íntima de Deus. Na infância da Humanidade, o homem o confunde muitas vezes com a criatura, cujas imperfeições lhe atribui; mas, à medida que nele se desenvolve o senso moral, seu pensamento penetra melhor no âmago das coisas; então, faz ideia mais justa da Divindade e, ainda que sempre incompleta, mais conforme, à sua razão.

12. Embora não possamos compreender a natureza íntima de Deus, podemos formar ideia de algumas de suas perfeições?

“De algumas, sim. O homem as compreende melhor à proporção que se eleva acima da matéria. Entreve-as pelo pensamento.”

13. Quando dizemos que Deus é eterno, infinito, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom, temos ideia completa de seus atributos?

“Do vosso ponto de vista, sim, porque credes abranger tudo. Sabei, porém, que há coisas que estão acima da inteligência do homem mais inteligente, as quais a vossa linguagem, restrita às vossas ideias e sensações, não tem meios de exprimir. A razão, com efeito, vos diz que Deus deve possuir em grau supremo essas perfeições, porquanto, se uma lhe faltasse, ou não fosse infinita, já ele não seria superior a tudo, não seria, por conseguinte, Deus. Para estar acima de todas as coisas, Deus tem que se achar isento de qualquer vicissitude e de qualquer das imperfeições que a imaginação possa conceber.”

Deus é eterno. Se tivesse tido princípio, teria saído do nada, ou, então, também teria sido criado, por um ser anterior. É assim que, de degrau em degrau, remontamos ao infinito e à eternidade.

É imutável. Se estivesse sujeito a mudanças, as leis que regem o Universo nenhuma estabilidade teriam.

É imaterial. Quer isto dizer que a sua natureza difere de tudo o que chamamos matéria. De outro modo, ele não seria imutável, porque estaria sujeito às transformações da matéria.

É único. Se muitos Deuses houvesse, não haveria unidade de vistas, nem unidade de poder na ordenação do Universo.

É onipotente. Ele o é, porque é único. Se não dispusesse do soberano poder, algo haveria mais poderoso ou tão poderoso quanto ele, que então não teria feito todas as coisas. As que não houvesse feito seriam obra de outro Deus.

É soberanamente justo e bom. A sabedoria providencial das leis divinas se revela, assim nas mais pequeninas coisas, como nas maiores, e essa sabedoria não permite se duvide nem da justiça nem da bondade de Deus.

### Atributos da Divindade

#### A natureza íntima de Deus

1. O homem ainda não pode compreender a natureza íntima de Deus, porque para isso um sentido lhe falta. Na infância da Humanidade, o homem o confunde, frequentemente, com a criatura, cujas imperfeições lhe atribui. Mas, à medida que o senso moral se desenvolve, seu pensamento penetra melhor o fundo das coisas e dele faz uma ideia mais justa, embora sempre incompleta.

2. Sem o conhecimento dos atributos de Deus, seria impossível compreender a obra da criação. Este é o ponto de partida de todas as crenças religiosas e foi justamente por não se terem referido a isso que a maioria das religiões errou em seus dogmas.

#### O politeísmo

3. Os que não atribuíram a Deus a onipotência imaginaram muitos deuses. Os que não lhe atribuíram a soberana bondade fizeram dele um Deus ciumento, colérico, parcial e vingativo. A ignorância do princípio de que são infinitas as perfeições de Deus foi que gerou o politeísmo.

4. Quando dizemos que Deus é eterno, infinito, imutável, imaterial, único, todo-poderoso, soberanamente justo e bom, temos uma ideia mais ou menos completa dos seus atributos, do nosso ponto de vista. Mas devemos saber que existem coisas acima da inteligência do homem mais inteligente, as quais a nossa linguagem ainda não tem condições de expressar.

5. A razão nos diz que Deus deve ter essas perfeições no supremo grau, porque se tivesse uma só de menos, ou não fosse de um grau infinito, ele não seria superior a tudo, e por conseguinte não seria Deus.

6. Deus é Espírito - o Supremo Espírito! Absolutamente perfeito, não é comparável a quaisquer outros seres, estando infinitamente acima de todos. Possuindo sabedoria e poder infinitos, paira, onipresente, sobre todo o Universo, e a tudo comunica, onipotente, o seu influxo e a sua vontade.

#### Atributos do Criador

7. **Deus é eterno**, isto é, não teve começo e não tem fim. Se tivesse tido princípio, houvera saído do nada ou então teria sido criado por outro ser anterior e, nesse caso, este ser é que seria Deus. Se lhe supuséssemos um começo ou um fim, poderíamos conceber uma entidade existente antes dele e capaz de lhe sobreviver, e assim por diante, ao infinito.

8. **Deus é imutável**. Se estivesse sujeito a mudanças, nenhuma estabilidade teriam as Leis que regem o Universo.

9. **Deus é imaterial**, isto é, a sua natureza difere de tudo o que chamamos matéria. De outro modo, não seria imutável, pois estaria sujeito às transformações da matéria.

10. **Deus é onipotente**. Se não possuísse o poder supremo, sempre se poderia conceber uma entidade mais poderosa e assim por diante, até chegar-se ao ser cuja potencialidade nenhum outro ultrapassasse. Esse então é que seria Deus.

11. **Deus é soberanamente justo e bom**. Em tudo e em toda parte aparecem a bondade e a justiça de Deus na providência com que, através de leis perfeitas, assiste as suas criaturas. A

## O Livro dos espíritos – (Livro I – Capítulo I)

sabedoria providencial das leis divinas se revela, assim, nas mais pequeninas coisas, como nas maiores, e essa sabedoria não permite se duvide nem da justiça nem da bondade de Deus.

12. **Deus é único.** Não há deuses, mas um Deus somente, soberano do universo, criador absoluto e incriado, infinito e eterno. Se houvesse muitos deuses não haveria unidade de vistas, nem unidade de poder na ordenação do Universo.

### A doutrina panteísta

13. Deus não é, como pretende a doutrina panteísta, a resultante de todas as forças e de todas as inteligências do Universo reunidas. Se Deus fosse assim, não seria Deus, porque seria efeito e não causa. Ora, Deus não pode ser ao mesmo tempo a causa e o efeito.

14. Com uma reflexão madura, a razão nos fará ver quão absurdo é quereremos encontrar a demonstração de alguns atributos de Deus nas considerações dos panteístas, como esta: “Os mundos sendo infinitos, Deus é, por isso mesmo, infinito; o vazio ou o nada não estando em nenhuma parte, Deus está em toda parte; Deus estando por toda parte, uma vez que tudo é parte integrante de Deus, ele dá a todos os fenômenos da Natureza uma razão de ser inteligente.”

15. Também, de acordo com o panteísmo, “todos os corpos da Natureza, todos os seres, todos os globos do Universo seriam partes da Divindade”. Sobre tal afirmativa vejamos o comentário feito por Allan Kardec: “Esta doutrina faz de Deus um ser material que, embora dotado de suprema inteligência, seria em ponto grande o que somos em ponto pequeno. Ora, transformando-se a matéria incessantemente, Deus, se fosse assim, nenhuma estabilidade teria; achar-se-ia sujeito a todas as vicissitudes, mesmo a todas as necessidades da Humanidade; faltar-lhe-ia um dos atributos essenciais da Divindade: a imutabilidade”.

16. Não sabemos tudo o que Deus é, mas sabemos o que ele não pode deixar de ser, e esse sistema está em contradição com as suas propriedades mais essenciais. A doutrina panteísta confunde o criador com a criatura, absolutamente como se quisesse que uma máquina engenhosa fosse uma parte integrante do mecânico que a concebeu.

### Bibliografia:

**Kardec Allan**, O Livro dos Espíritos, (itens 10, 11, 13, 14, 15 e 16.)

**Kardec Allan**, A Gênese, (itens 10 a 16.)

#### IV – PANTEÍSMO

14. Deus é um ser distinto, ou será, como opinam alguns, a resultante de todas as forças e de todas as inteligências do Universo reunidas?

“Se fosse assim, Deus não existiria, porquanto seria efeito e não causa. Ele não pode ser ao mesmo tempo uma e outra coisa.

“Deus existe; disso não podeis duvidar e é o essencial.

Crede-me, não vades além. Não vos percais num labirinto donde não lograríeis sair. Isso não vos tornaria melhores, antes um pouco mais orgulhosos, pois que acreditaríeis saber, quando na realidade nada saberíeis. Deixai, conseguintemente, de lado todos esses sistemas; tendes bastantes coisas que vos tocam mais de perto, a começar por vós mesmos. Estudai as vossas próprias imperfeições, a fim de vos libertardes delas, o que será mais útil do que pretendendes penetrar no que é impenetrável.”

15. Que se deve pensar da opinião segundo a qual todos os corpos da Natureza, todos os seres, todos os globos do Universo seriam partes da Divindade e constituiriam, em conjunto, a própria Divindade, ou, por outra, que se deve pensar da doutrina panteísta?

“Não podendo fazer-se Deus, o homem quer ao menos ser uma parte de Deus.”

16. Pretendem os que professam esta doutrina achar nela a demonstração de alguns dos atributos de Deus: Sendo infinitos os mundos, Deus é, por isso mesmo, infinito; não havendo o vazio, ou o nada em parte alguma, Deus está por toda parte; estando Deus em toda parte, pois que tudo é parte integrante de Deus, ele dá a todos os fenômenos da Natureza uma razão de ser inteligente.

Que se pode opor a este raciocínio?

“A razão. Refleti maduramente e não vos será difícil reconhecer-lhe o absurdo.”

Esta doutrina faz de Deus um ser material que, embora dotado de suprema inteligência, seria em ponto grande o que somos em ponto pequeno. Ora, transformando-se a matéria incessantemente, Deus, se fosse assim, nenhuma estabilidade teria; achar-se-ia sujeito a todas as vicissitudes, mesmo a todas as necessidades da Humanidade; faltar-lhe-ia um dos atributos essenciais da Divindade: a imutabilidade. Não se podem aliar as propriedades da matéria à ideia de Deus, sem que ele fique rebaixado ante a nossa compreensão e não haverá sutilezas de sofismas que cheguem a resolver o problema da sua natureza íntima. Não sabemos tudo o que ele é, mas sabemos o que ele não pode deixar de ser e o sistema de que tratamos está em contradição com as suas mais essenciais propriedades. Ele confunde o Criador com a criatura, exatamente como o faria quem pretendesse que engenhosa máquina fosse parte integrante do mecânico que a imaginou.

A inteligência de Deus se revela em suas obras como a de um pintor no seu quadro; mas, as obras de Deus não são o próprio Deus, como o quadro não é o pintor que o concebeu e executou.

**Crônicas e Artigos**

227 – 18/09/2011

O Consolador - (Marcelo Damasceno do Vale)

**IV. Panteísmo)**

**Afinal o que é panteísmo?**

Que se deve pensar da opinião segundo a qual todos os corpos da Natureza, todos os seres, todos os globos do Universo seriam partes da Divindade e constituiriam, em conjunto, a própria Divindade, ou, por outra, que se deve pensar da doutrina panteísta?

“Não podendo fazer-se Deus, o homem quer ao menos ser uma parte de Deus.”

(Questão 15 de O Livro dos Espíritos.)

O panteísmo (do grego pan = tudo + théos = Deus) é uma doutrina filosófica que defende que tudo é Deus, considerando a Natureza e o Universo divinos.

Existem várias formas ou sistemas de panteísmo.

O panteísmo clássico considerava Deus a única realidade e o universo uma mera manifestação, emanção ou realização de Deus; o estoicismo identificou Deus com o Universo, considerando-O como a força vital e inteligência cósmica que o governa; no neoplatonismo e, mais tarde, com Giordano Bruno, Deus é causa e princípio do universo.

O panteísmo materialista ou naturalista vê no universo a própria realidade de Deus. (1)

O filósofo holandês Baruch Spinoza (1632-1677) considerava que “Só o mundo é real, sendo Deus a soma de tudo quanto existe”.

Temos, ainda, o Panenteísmo de Teillard de Chardin, o qual é um panteísmo mais elaborado e complexo, e também o panteísmo científico, que assume a convicção de que o cosmos é divino e a Terra é sagrada.

(2 e 3)

O neo-Panteísmo é outro sistema que se assenta sobre a ideia de um deus impessoal representado pela Natureza, porém de polaridade sexual feminina. Surgiu a partir de uma falsa compreensão do Deus vivo, pois seus adeptos justificam a necessidade de uma crença não Sobrenatural. (4)

Os filósofos clássicos do Espiritismo complementaram o pensamento dos Espíritos da codificação de forma brilhante, primeiro Léon Denis:

Deus, tal qual o concebemos, não é, pois, o Deus do panteísmo oriental, que se confunde com o Universo, nem o Deus antropomorfo, monarca do céu, exterior ao mundo, de que nos falam as religiões do Ocidente.

Deus é manifestado pelo Universo – do qual é a representação sensível –, mas não se confunde com este. De igual maneira que em nós a unidade consciente, a Alma, o eu, persiste no meio das modificações incessantes da matéria corporal, assim, no meio das transformações do Universo e da incessante renovação de suas partes, subsiste o Ser que é a Alma, a consciência, o eu que o anima e lhe comunica o movimento e a vida. (5)

E também temos as observações lúcidas de Camille Flammarion:

O panteísmo, fazendo da alma uma partícula da substância divina, a escraviza e arrasta, inevitavelmente, ao fatalismo absoluto. (6)

A opinião que proclama a identidade substancial de Deus com o mundo, e que recentemente tem tido uma revivescência favorável, não passa de panteísmo absoluto, na sua forma simples e íntegra.

## O Livro dos espíritos – (Livro I – Capítulo I)

Quaisquer que sejam as palavras com que o expressem, um espírito judicioso jamais se iludiria. Se Deus e o mundo não são mais que um mesmo e único ser, Deus não existe. (7)

Mas, ainda bem que o ateísmo absoluto só pode ser uma loucura nominal e o espírito mais negativista não pode, realmente, atribuir à matéria senão o que pertence ao espírito, criando assim um deus matéria, à sua imagem e semelhança.

Assim, temos visto que, desde o panteísmo místico ao mais rigoroso ateísmo, os erros humanos a respeito da personalidade divina não puderam, senão, velar, ou desnaturar a revelação do Universo, sem aniquilá-la.

Nosso Deus da Natureza permanece inatacável, no seio mesmo da Natureza, força intrínseca e universal governando cada átomo, formando organismos e mundos, princípio e fim das criações que passam, luz incriada a brilhar no mundo invisível e para a qual, oscilantes, se dirigem as almas, como a agulha imantada, que não mais repousa enquanto não se encontra identificada com o plano do polo magnético. (8)

Ambos esclareceram a ideia de Deus em oposição ao panteísmo – o qual parece uma doutrina interessante que unifica a Criação com o Criador, mas resulta em um Universo sem direção única, ordenado por uma entidade indefinida, sujeita às modificações da matéria.

O panteísmo teria como consequência a desorganização e não a perfeição matemática de toda a criação.

Notas:

1 – [http://pt.wikipedia.org/wiki/Teilhard\\_de\\_Chardin](http://pt.wikipedia.org/wiki/Teilhard_de_Chardin).

2 – <http://www.sociedadeteosofica.org.br/bhagavad/site/livro/cap45.htm>.

3 – [http://www.infopedia.pt/\\$panteismo](http://www.infopedia.pt/$panteismo).

4 – <http://pantheism-site.us/mainpage1.html>.

5 – Léon Denis, O Grande Enigma, (Cap. I.)

6 – Camille Flammarion, Deus na natureza, (Cap. 3 - Terceira Parte.)

7 – Camille Flammarion, Deus na natureza, (Cap. 1 - Quinta Parte.)

8 – Camille Flammarion, Deus na natureza, (Cap. 1 - Quinta Parte.)

**A Vida no outro Mundo - (Cairbar Schutel)**

**IV. Panteísmo**

**Em busca da verdade**

Em todos os tempos, ilustres pensadores e grandes filósofos têm dedicado vidas inteiras para solucionar o problema da vida. Infelizmente, porém, as suas pesquisas não ultrapassaram os limites corporais, deixando de lado os fenômenos psíquicos, que atribuíram, na maioria das vezes, a, causas sobrenaturais e miraculosas.

O problema anímico aparecia obumbrado aos estudiosos, que baseavam suas perquirições em torno do homem no pressuposto de que ele era uma alma criada, juntamente, com o corpo.

As Escolas de Leucipo e de Epicuro, por exemplo, admitiam a alma; mas diziam que ela se compunha de átomos que se desagregavam, e era, portanto, incapaz de sobreviver à morte do corpo.

Esta ideia, mais tarde apresentada com modificações sucessivas por Locke, Condillac, Helvetius e Holback, degenerou em absoluto negativismo, proclamando a Escola

Materialista o seguinte “artigo de fé”: “Somente no organismo humano a matéria pode sentir e perceber”.

Foi também esta a divisa adotada por Molleschot, Buchner, Karl Vogt, Broussais, Haeckel e outros príncipes da Ciência, aplaudidos pelos homens mais eminentes do século.

Karl Vogt afirmava: “o pensamento é uma secreção do cérebro”, e acrescentava: “as leis da Natureza são inflexíveis, não conhecem moral nem bondade”.

Haeckel dizia: “a alma, isto é, a atividade espiritual, nada mais é que uma função fisiológica, produto de fenômenos mecânicos”.

Parece ser ainda corrente entre os sábios oficiais e seus adeptos que a “consciência é determinada pelos elementos constitutivos do sangue e as obras da virtude e do gênio não passam de uma questão de hereditariedade, ou seja, o resultado da física e da química dos corpos”. Foi o que levou um ateu a dizer que o homem não passa de um Oxinitrocarbureto de hidrogênio coloidal, e nada mais existe nele a não ser matéria.

As doutrinas espiritualistas de Aristóteles, de São Tomás de Aquino, de Descartes, que brilharam com verdadeiro fulgor, secundadas pelas de Jouffroy, Cousin, Villemain, e as quais, no terreno filosófico, demonstraram a existência e imortalidade da alma, não conseguiram, entretanto, deter a onda dos nihilistas, que se avolumava cada dia mais.

A velha concepção da alma não dava lugar a provas positivas, disso resultando, não só entre os materialistas que negavam, como entre os espiritualistas, a adoção de um panteísmo comodista, que fazia estes cuidarem somente da vida corporal em detrimento da vida espiritual, do presente, com exclusão do futuro.

Com efeito, perdida a orientação da vida, limitado o espírito às coisas materiais, sem esperança de uma vida melhor, a sociedade teria forçosamente de precipitar-se num abismo, onde nenhuma aquisição duradoura lhe poderia melhorar a situação. A Razão, desvirtuada dos seus princípios, não pode permanecer ao lado da Moral da Ciência.

Foi em tais circunstâncias que se fizeram sentir, em nosso planeta, as manifestações paranormais, de ordem extrafísica, que haveriam de submetidas ao método experimental, proclamar o estabelecimento definitivo da alma como fator do organismo corpóreo, sua preexistência ao nascimento do corpo e sobrevivência à morte deste.

O Espiritismo mostra que, no homem, a aliança dos dois elementos - alma e corpo - intimamente unidos, reagem um sobre o outro, como o prova o testemunho diário dos sentidos e da consciência; e tem por intermediário o invólucro do Espírito, que Allan Kardec houve por bem denominar perispírito, elemento este já previsto pelo Apóstolo Paulo, que o chamou corpo espiritual, e pelo inglês Cudworth, que o intitulou medidor plástico.

A Teoria Espírita, trazendo uma nova ideia da alma, estendeu a sua ação ligando os dois mundos, o mundo da vida corpórea e o mundo da vida espiritual, facilitando, assim, a solução do grande problema do “ser”, com os seus princípios de evolução entre vistos por Darwin, Lamarck e Haeckel, mas infundindo nas concepções evolucionistas o Espírito, sem o qual não poderão prevalecer.

## **O Livro dos espíritos – (Livro I – Capítulo I)**

Com a inestimável contribuição que o Espiritismo a todos proporciona, livre das injunções do feudalismo intelectual, todos os homens de boa vontade, num esforço supremo para sua melhoria, podem e devem abordar, agora, com orientação mais firme, aquilo que, antigamente, era privilégio dos sábios e sacerdotes.

Favorecidos pelos fenômenos psíquicos, pela evocação dos Espíritos e suas manifestações, ainda mais, auxiliados por uma enorme biblioteca de obras que tratam do assunto, muita fácil será ao homem de boa vontade encontrar a Verdade fora das academias e das religiões sectárias que têm retardado o progresso humano.

### A Trincheira

É preciso tomar a trincheira. Mas não podemos tomá-la à baioneta nem arremessando granadas. Nossa batalha é a do Sol que avança a jatos de luz, espancando as trevas e despertando a vida. O ponto de luta a que Chico Xavier se refere é o último reduto, a trincheira entranhada no solo. Os jatos de luz passam sobre ela sem conseguir penetrar nas suas profundezas.

Mas os clarões a iluminam de momento a momento e se persistirmos na luta atingiremos o seu interior, chegaremos ao fundo escuro quando o sol estiver a pino.

Há qualquer coisa que lembra, nessa expressão feliz de Chico Xavier – ponto de luta – a conhecida expressão de Victor Hugo: point d'optique.

Para Victor Hugo o palco era o ponto de visão em que se concentrava no teatro a expressão da vida.

Para Chico Xavier o ponto de luta é o lugar secreto em que se concentram, em nosso interior, de maneira aparentemente irreduzível, os resíduos mais resistentes do nosso passado.

Cada grande batalha, em determinado setor de nossa renovação espiritual, acaba sempre nessa trincheira que parece inexpugnável.

O Livro dos Espíritos nos ensina, na questão 660, a recorrer à prece nesses momentos difíceis, não com excesso de palavras, mas com firmeza de sentimentos.

Maria Dolores, com sua prece em forma de poesia, vem socorrer-nos através do exemplo.

Não nos diz como orar, mas ora, ela mesma, extravasando a sua fé numa súplica em versos.

Analisando, esses versos verificamos, mais uma vez, que Maria Dolores, no seu panteísmo poético, serve-se dos fatos naturais para que as lições de Deus, através das coisas, nos toquem o coração e nos despertem a razão.

Uma prece assim, transbordante de sentimento puro e de confiança em Deus, vale mais do que a repetição de preces decoradas e mecanicamente repetidas.

Nem todos somos poetas para exprimir nossos anseios num poema espontâneo como esse.

Mas todos temos sentimentos e podemos acordar em nós o germe da fé para fazer uma súplica sincera. Então faremos o sol de nossa fé atingir o zênite e derramar sua luz no fundo da trincheira, eliminando o último ponto de luta na batalha íntima.